

Caro dios

ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL

Direção e Administração

Prudente de Moraes, neto, e Sergio Buarque de Hollanda

90/4

Rio de Janeiro

1924 / 1925

EDIÇÃO FACSIMILADA

APRESENTAÇÃO

Vida da Estética e não Estética da Vida

por

Pedro Dantas

Glossário de Homens e Coisas da Estética

por

Mario Camarinha da Silva

GERN A S A



Obra publicada
com a colaboração do
PROLIVRO

GOVERNADOR DO ESTADO DA GUANABARA
Antônio de Pádua Chagas Freitas

SECRETÁRIO DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO
Fernando de Carvalho Barata

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CULTURA
Eduardo Portella

CONSELHO CONSULTIVO

Presidente: Carlos Chagas Filho

Coordenador: Leodegário A. de Azevedo Filho

Membros: Consuelo Chermont de Brito, Francisco de Assis
Barbosa, Mário Camarinha da Silva e Sílvio Elia

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)

E83

Estética: 1924/1925, edição facsimilada; apresentação por Pedro Dantas. (Rio de Janeiro, Gernasa, 1974. 1v. 339p. ilust. cm.

Edição facsimilar da Revista Estética, trimestral. Direção de Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque de Hollanda.

Edição comemorativa do cinquentenário da Revista Estética.

Abrange os 3 únicos números (1924/1925) da Revista, em 1 volume.

Glossário de homens e coisas da Estética por Mário Camarinha da Silva.

Obra publicada com a colaboração do Prolyro.

1. Literatura brasileira — Periódicos. 2. Periódicos brasileiros, 1924/1925.

CDD — 056.9
869.905
869.9094
CDU — 869.0(81)-92

74-0511

Esta edição comemorativa do cinquentenário da revista *Estética*, órgão nacional do movimento modernista em sua segunda fase, foi realizada, com planejamento de Mário Camarinha e coordenação gráfico-editorial de Lúcio de Abreu, pelas Edições Gernasa e reproduz facsimilarmente a edição original de 1924/1925, composta e impressa tipograficamente nas 339 páginas que abrangem os três números, raríssimos, da *Estética*. A presente edição totaliza 2.000 exemplares, impressos na Companhia Editora Americana, com encadernação confeccionada pela Anga Encadernações, para as Edições Gernasa, Rua Leandro Martins, 76 - Rio de Janeiro, ZC-05. CEP. 20.000.

VIDA DA ESTÉTICA E NÃO ESTÉTICA DA VIDA

Estética, um sonho da adolescência, longamente acariciado na imaginação, começou a concretizarse muito burguezamente por uma decisão de poupança: era preciso juntar algum para o custeio ao menos do primeiro número. Os seguintes seriam cobertos pela venda ou, talvez, pela publicidade. A decisão era, porém, sigilosa e tanto mais difícil de cumprir à risca. O fato é que sempre se conseguiu um mínimo, — um mínimo, realmente para poder pensar no segundo passo.

Consistiu este em apresentar a idéia de uma revista literária (não exclusivamente literária, mas de cultura geral, aspirando a obter colaboração científica e filosófica) de sentido e de espírito renovador. O assunto era apenas segredado a amigos de confiança. Nada de planos que pudessem malograr e esvair-se em bafo. Falar, só na hora de fazer. Com Sergio Buarque de Hollanda, na interminável conversação retomada cada dia ou, melhor, cada noite, nas caminhadas da cidade para Botafogo, a revista foi tomando configuração em nosso espírito e pudemos debater seus problemas.

Uma vez fixados quanto à linha a manter, passamos à ação, que era convocar os amigos à colaboração gratiuta. A própria revista deveria motivar a participação de todos. Seria o órgão que o modernismo deixara de ter, desde o desaparecimento da *Klaxon*.

Sergio escreveu a Mario de Andrade, que logo se prontificou a colaborar e obter a colaboração dos amigos, em S. Paulo. Guilherme de Almeida estava morando no Rio e foi conversado pessoalmente, assim como Couto de Barros, em breve temporada carioca. Os do Rio receberam muito bem a idéia, embora não deixassem de manifestar alguma reserva quanto à orientação e aos critérios da revista, dirigida por dois “jeunes poètes si sympathiques,” como diria, depois, Blaise Cendrars, dos quais só um — Sergio Buarque de Hollanda — era conhecido como escritor, por seus artigos. Sergio era, também, o autor de uma série de títulos de contos, que Agripino Grieco dizia que seriam reunidos em volume, sob o nome de *Títulos ao portador*...

Começaram a chegar as colaborações pedidas e a revista foi tomando forma e figura de publicação. Ainda não tinha nome, pois não conseguíramos fixar-nos em nenhum que satisfizesse. Não tinha artigo-programa, para dizer a que vinha. Os futuros diretores pensavam redigi-lo a quatro mãos. Uma tarde, porém, encontraram Graça Aranha, à porta da Casa Carvalho (Avenida Rio Branco, esquina de S. José — comestíveis, bebidas, frutas, barzinho famoso pelo caju amigo, os Porto, Madeira, Xerez, água de coco, salada de frutas e outras especialidades) e o grande escritor informou-se do problema.

— Eu faço a apresentação. O nome? Está achado: *Estética*.

O generoso oferecimento do artigo de apresentação era irrecusável. O nome de *Estética*. . . Bem, Sergio passou algumas noites a extrair da sua cultura, já então de opulência insondável, uma série de tangentes por onde pudéssemos justificar esse título. Mas “Paris vaut bien une messe” . . . e fomos à missa celebrada por Graça Aranha. A primazia da publicação do ensaio “Mocidade e estética” (ao qual o escritor acrescentou algumas linhas em nossa intenção) foi a recompensa da nossa renúncia. Dias depois, recebíamos os originais manuscritos, no belo cursivo do romancista de *Canaã*. Valeu a pena. Era, ao menos, um nome de imenso prestígio a nos acobertar a aventura.

Precisávamos optar por um modelo para a revista. O gosto sempre seguro de Sergio Buarque de Hollanda indicou o modelo inglês da revista de T. S. Eliott: *The Criterion*. Era o que gostaríamos de ter seguido. A sair quatro vezes por ano — o que deixava intervalo razoável, depois da publicação, para o preparo do número seguinte. Trimestral, então? A palavra soava desagradavelmente. Paciente consulta aos dicionários revelou que o adjetivo “trimensal” poderia ser empregado com aquele mesmo sentido. E ficou.

— Ortografia? — Era caótica, em 1924. A direção de *Estética* resolveu assegurar o caos, embora a própria revista adotasse a reforma portuguesa, com algumas variantes próprias. O princípio, liberalíssimo, era o de respeitar a grafia, como as idéias, de cada um. Compromisso, apenas o propósito de renovação cultural.

Podíamos passar à parte prática. Onde imprimir? Um velho VIII amigo ofereceu os préstimos de certa gráfica de amigos seus. Fariam

camaradagem no preço. Trabalho da melhor qualidade — papel a escolher. A casa, uma pequena gráfica, na Rua da Misericórdia, não parecia tão bem montada como dizia o amigo comum. Era, porém, apenas, uma parte da oficina, que não funcionava ali, senão para pequenos trabalhos e para tratar o serviço, a ser executado em outro local. Ajustou-se o preço para mil exemplares: sairia a mil réis cada um, entregue a edição na própria Rua da Misericórdia. Diante disso, como não se tratasse de ganhar dinheiro, mas de produzir, com cada número, o suficiente para custear outro, foi fixado o preço de venda em dois mil réis e em oito mil réis a assinatura anual (quatro números), calculada em 40% a despesa com as comissões das livrarias (30%) e mais pequenos gastos de transporte. Foram feitos alguns cartazes e impressos, com o título, para as remessas pelo correio.

O registro da revista foi processado pelo escritório de advocacia de Justo de Moraes e Herbert Moraes. Era preciso indicar a sede: a revista tinha que ter uma redação. Ora, a redação... era ambulante, estaria onde estivessem os seus diretores. Diante da necessidade de adotar um endereço, entraram eles em acordo com os livreiros Soria e Bofioni, donos da Livraria Odeon, na Av. Rio Branco (entre as ruas S. José e da Assembléia) para que a citada Livraria figurasse como sede e redação.

Era preciso ainda preparar o lançamento nas capitais de alguns Estados, S. Paulo e Belo Horizonte, pelo menos. Na capital paulista, encarregou-se de recebê-la e mantê-la em exposição, um jovem amabilíssimo rapaz, magrinho naquele tempo, o “seu” José, da Garraux, a grande e tradicional livraria paulistana. Este “seu” José (José Olympio Pereira) hoje não é tão magrinho e não é mais da Garraux: é o grande editor, do Rio e do Brasil. Naquela ocasião, encomendou 50 exemplares, em consignação (vendeu-os e pediu mais 30). Em Belo Horizonte, o trabalho foi, antes, de obtenção de colaboradores e assinantes, sob a orientação de Afonso Arinos. Fez-se o que se pôde, em três dias de permanência na capital mineira, onde a *Estética*, deixou, como representante, a figura admirável de Pedro Nava.

De volta, havia que cuidar da publicidade. Um amigo arrancou dos charutos Dannemann a promessa de 500 mil réis, pela reprodução, em 4 números da revista, do feiíssimo “clichê” publicado nos números que saíram. Outro, ligado à revista, pois figurava de co-proprietário, no registro, Carlos de Moraes Barros, arrancou de Zanotta, Lo-

renzi & Cia. (Guaraná Espumante e Chocolate Lacta) idêntica promessa, com liberdade de se fazer desenhar o anúncio daqueles produtos. O desenho foi pedido a Pedro Nava, explorando-lhe a vocação para as artes plásticas.

Ambos os anúncios seriam pagos depois da publicação. Mas, já nas últimas provas, surgiram problemas com a tipografia, que alegou ter sido obrigada a mandar fazer o trabalho por outro, que cobrava mais caro. O dinheiro disponível não dava para cobrir a diferença. Duas providências foram tomadas para reduzir essa diferença ao mínimo: diminuição da tiragem, de mil para oitocentos exemplares; grampeamento da revista, o que muito a enfeiou. Mesmo com esses sacrifícios, faltavam 400 mil réis para cobrir o preço, quando a revista ficou pronta. Onde arranjá-los, naquele fim de tarde, para dar início imediato à distribuição? A revista já saía com enorme atraso — entre outros motivos, porque esperara semanas por uma nota de Américo Facó sobre Joseph Conrad, recentemente falecido.

O problema foi resolvido mediante angustiado apelo ao ramo dos Secos e Molhados. “Seu” Armindo (Pereira, se não nos enganamos), do Armazém de Gaio Martins & Cia. (Praia de Botafogo esq. de Farani) adiantou o necessário, contra um vale, devidamente resgatado algum tempo depois. A “seu” Armindo, mais esta palavra de reconhecimento, cinqüenta anos depois. Grande, o “seu” Armindo!

E a revista saiu, distribuída aos colaboradores do Rio, levada às redações dos jornais. Ninguém lhe notou os defeitos porque, afinal, ficara muito melhor do que se podia imaginar.

No dia seguinte, estava nas livrarias e começava a remessa para o interior e o exterior. Foi mandada para o Recife, ao cuidado de Joaquim Inojosa. Foi enviada às principais revistas européias e americanas, bem como a diversos dos mais eminentes escritores do Velho e do Novo Mundo. A revista *Criterion*, na qual tanto procurara inspiração, registrou o aparecimento da *Estética*, em nota assinada por certo F. S. Flint, que considerou os jovens escritores brasileiros muito influenciados pelos europeus. Mas destacou o artigo de Graça Aranha, cuja filosofia resumiu: “Esthetics is a philosophy of youth; for only youth can conquer Terror and transform everything into lightheartedness”!

X O procedimento da gráfica, além de incorreto, fora incivil. Houve alteração e “baixo palavreado”. O n.º 2 já foi impresso nas oficinas

dos irmãos Pongetti, ali por Mem de Sá, estabelecimento a que era também associado Paulo Hasslocher. Aliás, eles é que tinham-se incumbido da impressão do n.º 1, sem o contratar diretamente. O dinheiro dos anúncios, mais algum das assinaturas já recebidas, garantiam a publicação do n.º 2, com pequeno desembolso. Foi preciso, entretanto, baratear o papel. Contudo, o preço de venda era insustentável, pois não dava margem sequer às comissões das livrarias. Foi aumentado de 2 para 3 mil réis. A venda avulsa, nessa base, mais as novas assinaturas, dariam para pagar o n.º 3. E ainda havia recebimentos suficientes para lastrear razoavelmente o número seguinte. Aconteceu, porém, que o cobrador, antigo trapalhão, herói de muitas extraordinárias aventuras, chamado a contas, confessou ter sido forçado a dar outras aplicações ao dinheiro. Com sacrifício, ultimou-se o pagamento do n.º 3.

Foi feita uma tentativa desesperada no sentido de conseguir recursos pelo menos para mais um número — para o qual já havia colaborações recebidas, entre outros, de Oswald Ayrades e Antônio de Alcântara Machado. Verificada a impossibilidade de alcançar o mínimo indispensável (e a perspectiva era de novo aumento do custo) resignamo-nos a deixar a *Estética* desaparecer, por inanição. Os assinantes não podiam queixar-se: tendo pago 8 mil réis por 4 números de 2 mil réis cada um, receberam três números apenas — um, de 2 e dois de 3 mil réis. O famoso mal dos “três números”, mais uma vez, foi fatídico.

Aqui não é o lugar para relatar o anedotário da *Estética*. Um episódio, porém, exige registro imediato. Nas páginas reservadas à sua autopromoção, a revista anunciou, entre as colaborações prometidas ou em preparo “na redação”, um estudo de Sergio Buarque de Hollanda sobre James Joyce. A propósito, certo leitor escreveu à *Estética* uma carta provocadora. Não pensasse a turma da revista que detinha o privilégio do conhecimento de um escritor como Joyce. Pelo contrário, a ninguém, ali, reconhecia capacidade para tratar do *Ulysses* e seu autor. Só uma pessoa, no Brasil, poderia fazê-lo com autoridade: um escritor pernambucano, que a *Estética*, por certo, não conhecia — Gilberto Freyre — de quem, para ilustração, se juntava um artigo publicado no Recife, sobre o escritor proibido.

Salvo engano, a carta era assinada por um nome desconhecido: José Lins do Rego (sem que hoje me seja possível jurar por essa atribuição). José Lins do Rego — veio-se a saber — era um rapaz nordes-

tino que andava muito em companhia de Lívio Xavier, de Antônio Bento, de Mário Pedrosa. Sergio Buarque de Hollanda propôs fossem os dois documentos (carta e artigo) publicados, na Seção de Transcrições, que a revista se empenhava em manter. Seria uma contribuição para o nosso n.º 4.

Informado na *Garnier*, pela decisão tomada, Graça Aranha mostrou-se interessado pelo assunto; ao ver a carta e o artigo, protestou com veemência:

— Não pode ser! Vocês não podem transcrever este escrito. Esse rapaz é nosso inimigo: ficou com o Oliveira Lima, contra o Nabuco!

Órgão Nacional do movimento modernista, em sua segunda fase, *Estética* propusera-se duas metas principais: apresentar o modernismo antes em seus trabalhos de reconstrução que de demolição, deixando implícitas ou em segundo plano as contestações dos valores superados; e exercer a crítica do movimento de que participava, partindo do pressuposto de que só o próprio modernismo tinha condições para discutir e criticar suas proposições e suas obras, tão completa era, fora dos seus quadros, a incompreensão das suas técnicas e dos seus fins. Divulgaria o que se estava procurando criar, em poesia, ensaio, conto, romance (publicou três números, uma novela inteira, de Teixeira Soares — *Vida em espiral*) e discutiria em ampla liberdade, sem espírito sectário, os problemas ante os quais seus colaboradores pudessem situar-se diversamente. Cartas na mesa. Franqueza irrestrita. Sinceridade absoluta.

Ao desaparecer, com o seu terceiro número — é fácil verificá-lo hoje — tinha cumprido sua missão.

Pedro Dantas